



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2020

COBERTURA VACINAL CONTRA HEPATITE B E CONHECIMENTO SOBRE HEPATITES VIRAIS ENTRE OS ESTUDANTES DE ODONTOLOGIA

Lorena Dourado Souza Costa¹; Jener Gonçalves de Farias²; Mayana de Jesus Santos³

1. Bolsista PIBIC/FAPESB, Graduando em Odontologia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: lorenadouradosc@gmail.com
2. Orientador, Departamento de Saúde, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: jenerfarias@gmail.com
3. Participante do projeto, Departamento de Saúde, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: mayanajsantos@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: cobertura vacinal; hepatite viral humana; odontologia.

INTRODUÇÃO

As hepatites virais representam um enorme desafio à saúde pública em todo o mundo, pois são responsáveis por cerca de 1,4 milhão de óbitos anualmente (Brasil, 2017). Algumas formas de transmissão do vírus da hepatite B (VHB) incluem a solução de continuidade (exposição de pele e mucosas), relações sexuais desprotegidas, transmissão vertical e parenteral. Já o VHC é transmitido principalmente por via parenteral. O vírus da hepatite D (VHD) apresenta mecanismos de transmissão idênticos ao do VHB (Brasil, 2016).

O risco de contaminação pode ser acentuado por acidentes ocupacionais durante o atendimento odontológico ao paciente (Brasil, 2016). Apesar disso, diversos estudos têm sinalizado inconsistências no conhecimento dos acadêmicos de odontologia quanto ao controle do risco biológico, considerando-se a baixa adesão à vacinação completa contra hepatite B e ao teste sorológico anti-HBs nesse grupo (Teixeira *et al.*, 2016; Al-Shamiri *et al.*, 2018; Garbin *et al.*, 2016; Wakayama, 2016; Ferreira *et al.*, 2018). Portanto, é de responsabilidade das faculdades de odontologia oferecer adequadas instruções quanto às medidas de controle de infecção, de modo a criar condições de trabalho seguras e, conseqüentemente, assegurar a proteção dos estudantes e seus pacientes (Al-Shamiri *et al.*, 2018).

O presente estudo teve como objetivo avaliar a prevalência presumível da cobertura vacinal contra hepatite B e o nível de conhecimento sobre hepatites virais dos estudantes de odontologia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo transversal com abordagem descritiva, realizado com acadêmicos de odontologia da UEFS que já haviam iniciado as atividades na clínica-escola odontológica. Os estudantes que concordaram em participar do estudo assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A amostra foi composta por 74 participantes, que foram agrupados de acordo com o nível acadêmico em “semestres iniciais” e “semestres avançados”. O primeiro grupo é constituído pelos estudantes do 4º ao 6º semestre; o segundo inclui os acadêmicos do 7º, 9º e 10º semestres. Os estudantes responderam a um formulário com questões relacionadas à imunização contra HB e conhecimentos gerais sobre as hepatites virais. Os dados obtidos foram analisados no programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS)® versão 21.0, empregando-se o teste do qui-quadrado de Pearson ou o teste exato de Fisher. Foram considerados significantes os valores de $p \leq 0,05$.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram do estudo 74 estudantes de odontologia, dentre os quais 55 (74,3%) eram do sexo feminino e 19 (25,7%) do sexo masculino, com idade média de 23,11 anos (desvio padrão $\pm 3,14$ anos). O grupo “semestres iniciais” foi composto por 44 (59%) acadêmicos, enquanto o grupo “semestres avançados” integrou 30 (41%) dos participantes.

Todos os participantes do estudo afirmaram que haviam sido vacinados contra hepatite B. Desse total, 78,4% receberam as três doses da vacina, conforme relatado. Uma proporção semelhante foi encontrada no estudo de Teixeira *et al.* (2016), em que 71,21% dos participantes afirmaram ter recebido as três doses da vacina. Já a realização do teste anti-HBs foi relatada por apenas 51,4% dos participantes deste estudo, adesão considerada baixa, tendo em vista que a sorologia pós-vacinação é recomendada para profissionais de saúde (Brasil, 2019) e os acadêmicos de odontologia desempenham atividades que os expõem ao risco ocupacional tal como os profissionais da área.

Os estudantes foram questionados sobre os tipos de hepatites virais existentes e, entre aqueles que mencionaram pelo menos um tipo ($n=65$), 100% conheciam um ou mais tipos de hepatites virais passíveis de transmissão por via parenteral (B, C ou D), os quais apresentam a maior relevância na prática clínica em odontologia.

Com relação às possíveis vias de transmissão das hepatites virais, 94,6% dos participantes estavam cientes acerca da via parenteral. Desse total ($n=70$), 57,1%

citaram, além do contato direto com sangue por meio de exposição percutânea e/ou compartilhamento de materiais perfurocortantes, outras formas de transmissão, como o contato sexual, a transmissão vertical e o contato com outros fluidos biológicos.

No geral, 40,5% dos participantes do estudo conheciam pelo menos um sinal e/ou sintoma das hepatites virais. Já com relação às complicações clínicas mais comuns das hepatites virais, apenas 23% dos participantes estavam cientes, achado considerado alarmante, pois o desconhecimento com relação à potencial evolução da doença pode contribuir para uma prática negligente dos acadêmicos e profissionais de Odontologia.

Sobre a existência de medidas específicas para a prevenção da infecção pelo VHB, verificou-se uma maior proporção de respostas corretas entre os semestres avançados ($p=0,00$). 74,3% dos participantes do estudo estavam cientes quanto à disponibilidade de uma vacina. Entretanto, não houve nenhuma menção à imunoglobulina humana anti-hepatite B (IGHAHB), indicada como imunoprofilaxia pós-exposição a materiais biológicos contaminados ou sob forte suspeita de contaminação pelo VHB (Brasil, 2019).

Questionados sobre a existência de medidas específicas para a prevenção da infecção pelo VHC, 91,9% dos participantes do estudo não souberam responder ou responderam “sim” e citaram medidas gerais de biossegurança. O baixo nível de conscientização sobre a inexistência de medidas específicas eficazes de prevenção contra o VHC também foi evidenciado nos estudos de Lages *et al.* (2015) e Souza *et al.* (2017).

Quanto à conduta frente à exposição ocupacional com material biológico contaminado, 63,64% dos estudantes dos semestres iniciais demonstraram possuir conhecimento parcial sobre as medidas adequadas; essa proporção foi de 66,67% entre os estudantes dos semestres avançados. É notável que o conhecimento sobre o protocolo para acidentes com materiais perfurocortantes não está bem sedimentado entre os acadêmicos, tendo em vista que a grande maioria demonstrou não conhecer totalmente as medidas adequadas a serem adotadas nessas situações.

A maioria (64,9%) dos participantes do estudo afirmou que adquiriu o conhecimento que possui sobre as hepatites virais por meio de fontes formais, como escola e/ou graduação. Portanto, deve-se destacar o papel das instituições de ensino na formação profissional, as quais devem elaborar estratégias de educação continuada e incentivar a adesão ao protocolo vacinal da hepatite B e a prática de controle sorológico

por meio do teste anti-HBs. Essas medidas podem otimizar o aprendizado e minimizar o risco de infecções ocupacionais na prática de acadêmicos e profissionais da odontologia.

Conclusão

Todos os participantes do estudo afirmaram ter recebido a vacina contra hepatite B, mas uma parte considerável deles não completou o esquema vacinal. Observou-se uma baixa adesão à realização do teste anti-HBs para confirmar a imunização. O nível de conhecimento sobre as hepatites virais e a sua relevância na Odontologia foi considerado razoável.

REFERÊNCIAS

- AL-SHAMIRI, H. M.; ALSHALAWI, F. E.; ALJUMAH, T. M. 2018. Knowledge, attitude and practice of hepatitis B virus infection among dental students and interns in Saudi Arabia. *J Clin Exp Dent*.10(1): 54-60.
- BRASIL. Ministério da Saúde. 2016. Manual Técnico para o Diagnóstico das Hepatites Virais. Brasília: Ministério da Saúde.
- BRASIL. Ministério da Saúde. 2017. Boletim Epidemiológico – Hepatites Virais. Brasília: Ministério da Saúde.
- BRASIL. Ministério da Saúde. 2019. Manual dos Centros de Referência para Imunobiológicos Especiais. Brasília: Ministério da Saúde.
- FERREIRA, L. Q.; OSCHIRO, A. C.; DA CRUZ, M. C. C. et al. 2018. Hepatite B: conhecimento e atitudes de acadêmicos de odontologia. *Arch Health Invest*. 7(7): 258-261.
- GARBIN, A. J. I.; WAKAYAMA, B.; ORTEGA, M. M. et al. 2016. Imunização contra hepatite B e os acidentes ocupacionais: importância do conhecimento na odontologia. *Saúde e Pesq*. 9(2): 343-348.
- LAGES, S. M. R.; DOS SANTOS, A. F.; DA SILVA JÚNIOR, F. F. et al. 2015. Formação em Odontologia: o papel das instituições de ensino na prevenção do acidente com exposição a material biológico. *Cienc Trab*. 17(54): 182-187.
- SOUZA, N. P.; VILLAR, L. M.; MOIMAZ, S. A. S. et al. 2017. Knowledge, attitude and behaviour regarding hepatitis C virus infection amongst Brazilian dental students. *Eur J Dent Educ*. 21(4).
- TEIXEIRA, S. O.; TOBIAS, K. R.; ALEIXO, R. Q. et al. 2016. Hepatite B: conhecimento e cobertura vacinal de estudantes de odontologia da Faculdade São Lucas. *ClipeOdonto*. 8(2): 26-35.

WAKAYAMA, B. 2016. Hepatite B e HIV/AIDS: a representação social das doenças e a análise da imunização contra o vírus da hepatite B entre os alunos de odontologia. Univ. Estadual Paulista, MSc diss.